

Estado assenta invasor na Serra

Foto de Evaristo Borges

Uma equipe de topógrafos do Instituto de Terras, Cartografia e Florestas (ITCF) vai hoje a Jardim Carapina, na Serra, fazer o mapeamento da área invadida, pois parte do terreno pertence à Companhia Habitacional do Espírito Santo — Cohab —, e outra parte a Antônio Gaudiano. De posse da topografia do terreno o Governo do Estado saberá quantas famílias estão morando em área particular e vai buscar alternativas para que elas não sejam despejadas. O secretário de Estado do Trabalho e Ação Social, Adão Cunha, disse que, enquanto isso, os moradores da invasão não serão molestados por oficiais de Justiça.

“O juiz da 1ª Vara Cível, Marco Antônio Basílio, nos garantiu que não vai haver a desocupação porque ele suspendeu a execução do mandado de reintegração de posse. Os moradores podem ficar tranquilos porque vão continuar lá, enquanto o Governo busca alternativas”, assegura Cunha. Ontem, Adão Cunha esteve no bairro e conversou com líderes comunitários sobre as opções do Estado.

Segundo Cunha, o ITCF está de posse do processo da área e a única dúvida é quanto aos limites do terreno. Por isso, o Governo não sabe qual área pertence à Cohab e se existem muitas famílias morando no terreno de Antônio Gaudiano. “Nós vamos fazer a topografia da área para confrontar as escrituras. Depois de confrontada e comprovada qual área pertence ao Estado, resolveremos o problema dos moradores”, anuncia Cunha.

A questão é saber quantas famílias estão morando no terreno de Antônio Gaudiano. “Se as moradias ultrapassam os limites da área do Estado, buscaremos alternativas de assentar esse pessoal dentro do próprio terreno do Estado, se for um número reduzido. Se for grande número de pessoas e não tivermos condições de absorver todos em nossa área, não descartamos a hipótese de desapropriação. Só descobriremos isso depois do levantamento da topografia”, argumenta Cunha. Segundo ele, dentro de 10 dias o problema das oito mil famílias da invasão de Jardim Carapina estará resolvido. A invasão já existe há 4 anos.



As famílias despejadas estão acampadas na rua, esperando uma solução